

Cultura, emoção e corporeidade

Vergas Vitória Andrade da Silva – UFRN

LE BRETON, David. **As paixões ordinárias**: antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. 276 p.

Assentar as bases de uma *antropologia das emoções* atenta às lógicas da orientação cultural e da experiência pessoal que se imbricam no processo de constituição da emoção no corpo é o objetivo central da obra *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*¹, do antropólogo e sociólogo francês David Le Breton (2009). Referenciado por seus estudos ligados à corporeidade humana, o autor, absorto na análise desse campo de estudo, razão de sua relevante produção bibliográfica², amolda-se a um modelo de tradição teórica que considera o corpo matéria simbólica – similar apanágio convirá, outrossim, à investigação antropológica das emoções a respeito da qual aduz nesse seu novo livro que trata da condição corporal e da expressão de sentimentos.

De acordo com a prescrição teórica adotada por Le Breton, ao se levar a cabo uma análise sociológica do corpo – empreitada da qual se ocupa em seus primeiros estudos, cujos fundamentos sustentaram muitas de suas análises ulteriores, inclusive as *paixões ordinárias*³ –, é central principiar por um pressuposto basilar, qual seja, o corpo é uma invenção, escopo de representações e imaginários, baluarte da expressão das emoções. Ele presta-se também ao transporte semântico que garante a evidência da relação com o mundo. A existência é antes de tudo corporal. São eixos de análise dessa sociologia: atividades perceptivas, expressões de sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação,

1 Publicada originalmente na França em 1998 com o título *Les passions ordinaires: anthropologie des émotions*.

2 Autor dos livros publicados no Brasil: *A sociologia do corpo* (2003) e *Adeus corpo* (2006). Na França, publicou: *Corps et sociétés: essai de sociologie et d'anthropologie du corps* (1985); *Anthropologie du corps et modernité* (1990); *La chair à vif: usages médicaux et mondains du corps humain* (1993); *Anthropologie de la douleur* (1995); *Du silence* (1997); *Signes d'identité: tatouages, piercings et autres marques corporelles* (2002), dentre outros.

3 Segundo Le Breton, o termo *paixões ordinárias* deve ser entendido tal qual a abordagem feita por Descartes em sua obra *Tratado das paixões*. Nela, as *paixões ordinárias* são aquelas com as quais cada um de nós vive todos os dias.

gestos e mímicas, etiquetas e inscrições corporais, produção da aparência, técnicas do corpo etc.

Uma conclusão previsível que daí decorre, decerto, é que nessa abordagem o corpo não é, ao menos não exclusivamente, um processo fisiológico, é antes uma *ferramenta* da qual o homem dispõe para expressar-se, *experienciar* o mundo e a si próprio, bem como atuar e conferir significado à concretude do mundo. Em *As paixões ordinárias*, suas análises envoltas da *sociologia do corpo* ganham novos contornos. Ao dedicar-se às codificações corporais e à expressão social das emoções, Le Breton (p. 9), sob uma perspectiva da dimensão simbólica – “da capacidade própria ao homem de fixar o vínculo social pela criação de sentido e valores” –, estende suas discussões sobre a relação *corpo e sociedade* e, doravante, parte para a compreensão do corpo como comunicador simbólico da emoção experimentada.

Indubitavelmente, parte preponderante dos estudos sobre as emoções estiveram e estão diligenciados por uma visão dicotômica. Ou parte-se de uma análise biológica/fisiológica das condutas emocionais, e, por isso, elas seriam universais, ou, por outro lado, parte-se da premissa de que, na verdade, seriam basicamente socioculturais e, desse modo, particular em sua condição. Consequentemente, esses esforços para teorizar as emoções tenderam a um ou a outro lado da clássica oposição natureza-cultura. Le Breton, por seu turno, pouco se afasta dessa contenda, mas assevera que a tarefa da antropologia no âmbito da investigação das emoções consiste na análise das singularidades e particularidades, especificamente culturais, dos comportamentos emocionais humanos.

Esse viés antropológico chama a atenção para o caráter simbólico das manifestações emocionais. A esse ponto, o autor admite que a questão das emoções é inseparável da questão do sentido. Em face desse desígnio, não é difícil prever a posição sectária assumida por Le Breton que atravessa toda a sua obra, quer dizer, para empreender seus estudos parte do princípio de que os estados afetivos dependem do significado conferido pelos indivíduos aos acontecimentos. Quanto a isso, fica patente, em suas análises, o papel ativo do indivíduo frente às emoções. As condutas emocionais são, evidentemente, projetos da cultura. Malgrado não haver originalidade nessa assertiva, ele, entretanto, defende, de igual modo, a assiduidade eficaz dos indivíduos na produção simbólica das emoções e sentimentos.

Ante a importância aferida à dimensão do significado na experiência humana da emoção, Le Breton, por seu turno, é partidário da ideia de que na investigação antropológica das emoções o que mais interessa é articular experiências emocionais individuais e experiências coletivas, pois está convencido de que o processo de constituição da emoção no corpo é um empreendimento tanto social quanto pessoal. O modo como as emoções assaltam os indivíduos e como neles repercutem têm raízes em normas coletivas tácitas, entretanto dependem, igualmente, das circunstâncias e das singularidades de cada indivíduo. Este realiza suas projeções de sentido por intermédio do prisma de sua *cultura afetiva* e de sua história pessoal, que passam a ordenar o infinito fluxo de sensações que o acomete.

Frente aos argumentos precedentes, Le Breton emprega-os com vistas a ratificar, reiteradamente, que a expressão da emoção corporal é socialmente modulável, mesmo sendo vivida de acordo com o estilo particular do indivíduo. Nesses termos, a *cultura afetiva* não impele os indivíduos, forçando-os a uma obediência absoluta: ela é um prontuário de indicações que sugere respostas apropriadas a cada particular conjuntura. Não se inflige como uma fatalidade mecânica, pois, na realidade, os indivíduos nem sempre estão de acordo com as expectativas implícitas de seu grupo. É verdade que expressam emoções em concordância com orientações sociais e culturais que se apresentam, mas eles as redesenham de acordo com suas trajetórias pessoais, *status* social, sexo, idade etc.

Por essas convicções, Le Breton critica, com justeza, a ilusão substancialista que considera as emoções estados absolutos ou essências. Denuncia, por exemplo, certos estudos ocupados na busca por uma base *anatomofisiológica* da emoção e da sua expressão, pois eles rejeitam, desse modo, as nuances e particularidades sociais e pessoais. Tais análises diminuem qualquer influência do indivíduo e todo investimento de sentido que ele engendra para apreender determinado evento. Extinguem a dimensão simbólica da manifestação das emoções e desconsideram os significados sociais e culturais que elas assumem em contextos diferentes.

Nesses termos, contrário à análise naturalista das emoções, essa *antropologia* depreende que as expressões emocionais são, portanto, emanações sociais ligadas às circunstâncias *morais* peculiares aos indivíduos. Elas não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Enraizadas na

cultura afetiva, estão dispostas em um sistema aberto de significados, em ritualismos, no vocabulário etc. A *socialização afetiva* não apenas nos ensina o modo de agir, mas sugere também aquilo que devemos sentir em dado momento. O que Le Breton confirma com essas proposições é o imperativo de compreender as emoções, vivenciadas individualmente, como um fenômeno social adquirido através do aprendizado cultural com o Outro.

Nos devidos termos, o Outro, tal qual entende o autor, é a estrutura que organiza a ordem de significado do mundo. Daí sua função fundamental na aquisição, na manutenção ou na modificação da simbologia corporal e emocional. A presença do Outro assegura a vida. Não se pode pensar em vida social sem o Outro. O homem não existe sem a educação que modela sua relação com o mundo e com os outros. Na origem de toda experiência humana, o Outro é a condição de sentido: ele é o fundador da diferença e, assim, do elo social. Seu ponto de vista faz falta para manter a coerência e a visão das coisas. Novamente, reforça-se aqui a acuidade do Outro para o aprendizado de gestos, mímicas e posturas que exprimem emoções.

Em suma, nota-se que Le Breton em *As paixões ordinárias* investe no emprego da categoria analítica emoção como propósito de pesquisa antropológica, na certeza de sua contribuição para a compreensão dos indivíduos e de situações sociais. Ao trazer à baila o clássico debate que consiste em esclarecer se a expressão e sua correspondente experiência emocional estão ligadas de modo inato, ou se estão associadas por um processo de aprendizagem sociocultural, Le Breton sustenta, por meios de posições contundentes, que as situações emocionais, por mais que se assemelhem a processos fisiológicos cujos segredos estariam contidos no corpo, estão, na verdade, inscritas em modelos contínuos e duradouros de relações sociais e são, ao mesmo tempo, produtos relacionais entre indivíduos, cultura e sociedade.

Portanto, essa *antropologia das emoções* faculta aos indivíduos peso igual frente à relação indivíduo-sociedade. No que se alude às emoções, os indivíduos não se portam exclusivamente como produtos apáticos da história, eles são, igualmente, detentores de uma história na qual constroem a significação. Ou melhor, há um sentido da história que é aquele que indivíduos, em suas vidas ordinárias, arquitetam. Em presença da emoção que o investe, o indivíduo a avalia, a interpreta e só então produz

respostas face às situações. Por isso, a emoção é ao mesmo tempo avaliação, interpretação, expressão, significado, relação e regulamento levado a cabo por indivíduos culturalmente localizados. Não há indiferença ante a cultura.